



A 1ª vez

É um ritual iniciático que fica para sempre. Homens e mulheres de três gerações partilham a sua primeira vez. O que mudou — se é que algo?

TEXTO DE **KATYA DELIMBEUF** FOTOGRAFIAS DE **TIAGO MIRANDA**

O galã romântico

É um charmoso. Com 83 anos, cabelo todo branco, Joaquim Pereira Marujo dá ares de José Cardoso Pires. Educado, conversador, galã, alterna um discurso de amor com as confissões assumidas de um mulherengo. Na sua geração, mulher e amantes eram dois elementos que conviviam com naturalidade. Duas rectas que nunca se cruzavam — conscientes da existência uma da outra, mas cientes do espaço de cada uma. Porque sexo e amor são coisas diferentes, defende Joaquim. Apesar de ter tido muitas mulheres, garante que só amou uma. A que tem em casa, com quem partilha a vida há 67 anos.

Teve uma vida profissional tão rica quanto intensa. Foi preparador físico da equipa de

campeões olímpicos de hóquei em patins, vice-presidente da Federação Portuguesa de Boxe, treinador de vários clubes em Moçambique. Foi *boxeur*, *manager*, empresário de boxe e até dono de um cabaret na Beira, o Moulin Rouge. O seu nome de guerra: "Al Pereira".

A primeira vez de Joaquim aconteceu tinha ele 14 anos. Corria o ano de 1940 e fazia recados para os pais, entre o hotel e o café da família. "E havia uma mulher, a mulher de um agente de autoridade, dos seus 40 anos, que, no Verão, pediu para eu lá levar a casa um ou dois pirolitos e uma sandes. Fui lá uma, duas, três vezes. À quarta, mandou-me entrar. E trancou a porta atrás de si. Estranhei. Mas ainda mais me espantei quando ela tirou o robe e ficou toda nua... Foi a primeira vez que vi uma mulher nua. Ela tinha um corpo bonito — e os peitos mais lindos que vi na vida... A minha primeira reacção foi de medo — o marido era da polícia...", conta.

"Ela levou-me para a cama, ensinou-me a beijar à francesa. Foi ela que me despiu,

JOAQUIM PEREIRA MARUJO COM A ESPOSA, "A MULHER DA SUA VIDA". INICIADO AOS 14 ANOS POR UMA MULHER MAIS VELHA, DE 40, NÃO ESCONDE QUE TEVE MUITAS AVENTURAS. "SEXO E AMOR SÃO COISAS DIFERENTES"

praticamente. E então, a virilidade surge. Depois, foi o céu. Sei que a seguir, senti-me feliz — muito! E ela quis continuidade, porque me voltou a chamar durante seis meses.”

Daquela tarde, lembra-se particularmente do cheiro. “Quando gosto de uma mulher, o cheiro dela entra dentro de mim. A primeira cheirava a alecrim. A que tenho em casa cheira a alfazema.” A primeira experiência é como uma porta que se abre para uma casa que não se sabe como é — mas que, depois de aberta, se descobre que é linda...”, resume.

“Hoje, olhando para trás, acho que a minha primeira vez foi uma dádiva do céu. Fui abençoado por essa mulher, que me ensinou a amar. Orgulho-me de a ter conhecido, porque fez de mim homem. Deu-me experiência, ensinou-me a prolongar o prazer. Ensinou-me o afecto e a respeitar o sexo feminino. Com ela aprendi que uma mulher não serve para ser usada, mas para ser amada...”

“A maior parte dos homens da minha geração iniciou-se com uma prostituta. Eu próprio fui frequentador de ‘casas de meninas’, dos 16 aos 24 anos. Elas faziam fila para ir comigo, porque eu era um menino — e era proibido entrar com menos de 18 anos.”

Ainda se lembra dos números de porta da rua aonde ia, na Baixa, por trás do Hotel mundial: “Era a R. Silva e Albuquerque, conhecida como ‘Rua dos Canos’, nos nº 26 e 35. No 26 custava 6 escudos 15 minutos, no 35 eram 7,5. Mas tive sempre a sorte de ter uma prostituta que gostava de mim”, conta.

Nunca usou preservativo na vida. “Nem se pensava nisso. Com as prostitutas, tão pouco. Além disso, na Marinha, estávamos protegidos”, partilha. “Usávamos o ‘relógio’, um sabonete que vinha de Inglaterra, que se usava até uma hora depois de se ter relações. Ensaboávamos o sexo com aquilo, e ninguém saía do barco sem mostrar.” Teve muitas namoradas, a par da actual mulher. Admite. Mas reconhece que ela é o amor da sua vida. Desde os 16 dele e os 14 dela que estão juntos. Namoravam com a mãe dela ao lado... Foi assim por oito longos anos. Ela foi virgem para o casamento, claro. “Na altura, quem não fosse virgem não se casava. Lembra-me, no dia seguinte à noite de núpcias, dela me mostrar o sangue nos lençóis, com orgulho. Fiz da minha mulher amante e esposa. Mas ainda hoje continuo apaixonado por ela — e ela por mim. Se voltasse atrás, a mulher que eu ia buscar era a minha.” ■

Uma senhora à frente do tempo

Maria Duarte Pereira é uma mulher singular. Aos 80 anos, teve uma vida cheia, tanto de coisas boas como de acontecimentos trágicos — que não chegaram, no entanto, para lhe tirar a alegria ou o sorriso. Elegantíssima, o baton vermelho a corar-lhe os lábios, é irrepreensível na pose, na educação. A vida pô-la à prova várias vezes. Enviuvou aos 38 anos, e teve ainda que sobreviver à morte de um filho. Mas aprendeu as lições da vida e aceitou-as, sabiamente.

Fuma um maço por dia, bebe o seu whisky religiosamente, não vai a um médico há dez anos — “Para quê? Para ele me proibir de fazer tudo o que gosto?”, responde, levemente. Nunca se preocupou com a opinião alheia. “Sou visceralmente indiferente ao que os outros pensam de mim.” Talvez por isso tenha falado tão abertamente sobre um assunto tão íntimo.

“Tive, aos 15 anos, um namorado clássico, de famílias conhecidas, frequentavam as casas um do outro. Uma menina como eu tinha o casamento garantido. Mas eu não levava aquele namoro muito a sério... Sentia que não era aquele o homem para mim, pela ‘falta de intensidade do beijo’.” O namoro durou seis anos, dos 15 aos 21 de Maria.

Entretanto, aos 17, conheceu o futuro marido, Fernando, numa festa em casa dele. Ele tinha 33 anos, e achou graça àquela criatura linda e loura, de olhos verdes, que tinha “pouca paciência para conversas de mulheres”. A certa altura, estavam próximos de uma janela, olhando a rua, e ela perguntou-lhe: “Qual é o seu carro?” Ele apontou para um Dodge cor de café com leite, muito grande. “Ai, que mau gosto!”, respondeu a catraia. “Parece um carro de noivas...” “Menina, é este carro que a vai levar à igreja!”, ouviu, prontamente. Maria não voltou a pensar no assunto.

Os anos passaram e o namoro persistia, até que Maria terminou a relação. “O meu pai fez uma tragédia camiliana e tirou-me a fala”

(deixou de lhe falar). Revoltada, ela toma “um tubo de comprimidos” e quase se fina.

Convalescente, na clínica, quis o destino que recebesse no mesmo dia a visita do ex-namorado desvairado e do futuro marido, ainda não o sendo. Naquele dia percebeu, com a ajuda do ex-namorado enciumado, o que não conseguira ver em anos de amizade. Olhou para Fernando e percebeu. Ele pegou-lhe na mão, e ficaram noivos nessa hora. Quatro meses depois, casavam.

Mas nem assim a história de Maria poderia ser simples. Sentada no quarto dela, meses antes do casamento, começara a pensar insistentemente num assunto... “Já me apetecia — e achei que não queria ser um produto de troca, dar a minha virgindade por uma assinatura num contrato. De maneira que, no dia dos meus anos, pedi-lhe para irmos até casa dele. Ficou surpreendido, mas aceitou. Foi lindo. Foi natural. Gostei muito”, resume. “Imagina como foi a minha noite de núpcias em Maio, não imagina? Estávamos muito mais à vontade, foi muito melhor.”

“Lembro-me perfeitamente da luz, filtrada pelas janelas... Dos ramos das árvores, que batiam no vidro. É claro que ele pôs música, os *slows* da época, o Sinatra... Despimo-nos, lentamente. E ele ficou sentado, a ver-me despir... Para mim, foi perfeito. Diverti-me imenso, com a cara de espanto do meu marido... Seduzi-o”, diz, com um sorriso calmo. Depois de terem feito amor pela primeira vez — embora “não uma única vez” —, ficaram deitados, a trocar confidências. “Tu és de força!”, disse-lhe ele... Ela respondeu: “Agora só casas comigo se quiseres. Não precisas de casar só para levar o prémio...” Trocaram juras. Ela de vestido rosa velho, capeline de renda preta e luvas, na sua irreverência costumeira. A mesma que a levaria, já depois do casamento, a pedir ao marido para parar o carro e dizer-lhe, muito séria: “Agora que já fizemos esta fantochada, tenho que te dizer uma coisa: eu não quero um marido, eu quero um homem.” Ele nada disse. Mas registou. Todos os anos, no seu aniversário de casamento, Fernando perguntava: “Já sou um marido?” Ao que ela respondeu sempre, anos após ano, durante os 18 em que foram casados: “Ainda não...” E o Dodge cor de café com leite acabou mesmo por levá-la à igreja. ■



MARIA DUARTE PEREIRA, 80 ANOS. VIVEU A SUA PRIMEIRA VEZ AOS 21, TRÊS MESES ANTES DE CASAR. POR OPÇÃO

ISABEL MANATA,
41 ANOS, DIVORCIADA,
MÃE DE UMA MENINA. A
PRIMEIRA VEZ FOI
PERFEITA, AOS 16 ANOS



Melhor era impossível

“O Luís foi o meu primeiro namorado a sério”, conta Isabel Manata, 41 anos. “Já namorávamos há um ano, quando decidimos avançar para vias de facto. Eu tinha 16 anos, ele menos um. Éramos ambos virgens, e era uma grande confusão, porque nenhum dos dois tinha muito jeito. Lembro-me, nas primeiras vezes que tentámos fazer algo, de ficar tão hirta que ele me dizia: ‘Eh pá, tu pareces uma múmia..! Mexe-te, faz qualquer coisa...’” Tentaram inúmeras vezes, ao longo de meses, sempre sem conseguirem passar a barreira do

hímen. Ela sangrava, tinha imensas dores, e passaram-se meses sem conseguirem ir até ao fim. Então, certa tarde, decidiram ir, de barco à vela, até uma ilhota em Setúbal, frente a Tróia. “Ele ia de fato de neoprene, que despiu até ao joelho, eu estava de biquíni e t-shirt. Finalmente conseguimos... E, de repente, vejo o barco passar-me à frente dos olhos, a ser levado pela maré... Lá foi o Luís, a nado, buscar o barco, antes que ficassemos ali presos...”

Era um dia de semana, estava um pôr-do-sol lindo, fim de Verão, e tudo aquilo parecia um cenário idílico... Senti uma felicidade absoluta. Na viagem para cá, vínhamos muito carinhosos. Foi o consubstanciar do nosso amor, que era muito forte, apesar da idade. Lembro-me do vento que me batia na cara, da ilha deserta, do cheiro a maresia, do cheiro do fato dele impregnado de sal...

O Luís é, hoje ainda, o meu melhor

amigo, com quem partilho as minhas tristezas e as minhas alegrias. Namorámos quatro anos e meio. Foi a pessoa que mais me marcou até agora...”, conta a delegada de informação médica, divorciada e mãe de uma menina de 9 anos.

No dia seguinte, fui a correr contar à minha melhor amiga. Queria partilhar a minha euforia. Senti: “Agora é que namoro! Já sou uma senhora... Quando contava a minha história, as pessoas diziam-me que tinha tido sorte. Ainda hoje acho que tive muita sorte com a minha primeira vez. Se voltasse atrás, fazia tudo exactamente igual. Só espero que a minha filha tenha o mesmo percurso.”

“A ela, vou tentar transmitir-lhe que os momentos únicos na nossa vida têm de ser marcantes — e convém que sejam pela positiva. Até porque estamos a falar de algo que é o expoente máximo da intimidade... Senão, nada sabe a nada”. ■

Magia na *roulotte*



“Não foi a primeira namorada, mas foi talvez a primeira a sério”, recorda Fernando Neves, do alto dos seus 43 anos. “Ela tinha 15 anos, eu 16. Conhecemo-nos numa festa à tarde, em casa de um amigo, e agarrámo-nos logo aos beijos, numa intensidade invulgar, que nos surpreendeu. O beijo era um sinal de paixão que ainda hoje pauta, para mim, o potencial de uma relação. Um mês depois de começarmos a namorar, perante um desejo tão carnal, foi natural aquele passo”.

“Era Verão — um final de tarde de Junho ou Julho. Os meus pais tinham uma *roulotte* no parque de campismo de Setúbal, e eu tinha a chave. Foi lá que aconteceu. Começámos pelo beijo; depois, a roupa foi-se tirando... As mãos transpiravam. Era como se nos fôssemos maravilhando perante um filme delicioso. Lembro-me do *soutien* a cair, da cueca que demorava mais tempo a tirar, da dificuldade em tirar os colchetes do *soutien*... Ela ia de saia azul escura e camisa branca, eu levava uns *boxers* abanderado...”

Havia luz do dia, os olhos queriam ver tudo, as mãos também... Ela tocava piano — e as mãos de uma pianista tocam de maneira muito especial. Foi uma primeira vez maravilhosa.” A seguir, não havia à-vontade para falar sobre o assunto. Foi a primeira vez de ambos — mas só mais tarde o admitiram um ao outro. “Tão-pouco contámos a alguém. Quando era uma namorada, não se partilhava com o grupo de amigos. Ninguém admitia que já tinha feito, nem se contavam pormenores”, explica o gestor de empresas, divorciado com dois filhos.

“Temos que ir à *roulotte*” passou a ser palavra-passe entre os dois, que namoraram sete anos. Repetiram a experiência no parque de campismo muitas vezes. “Lembro-me de ter a preocupação de lhe pôr a mão à frente da boca, e ela a mim, por causa dos guardas. Hoje, talvez fosse a única coisa que mudaria: provavelmente teria escolhido uma suite de um hotel com vista, para ela poder gritar à vontade, punha música... Mas olho para a minha primeira vez com vontade de repetir.”

25 anos depois, em fases totalmente distintas da vida, Fernando e a primeira namorada voltaram a encontrar-se. Pela boa recordação, tiveram vontade de repetir. “Não foi igual — nem teve a magia da primeira vez. Mas as mãos dela ainda transpiravam...” ■

FERNANDO NEVES,
43 ANOS, É DIVORCIADO
E PAI DE DOIS FILHOS. A
PRIMEIRA VEZ FOI AOS 16

Sem sonhar com o príncipe encantado

Tatiana Coimbra vai dizendo logo que a sua primeira vez esteve longe de ser glamourosa, marcante ou bonita. Bem pelo contrário. Aos 23 anos, casada de fresco, a estudante de gestão hospitalar é uma rapariga descomplexada e aberta.

“A minha primeira vez foi aos 18 anos — embora as minhas amigas achassem que eu já tinha feito há muito, porque tinha tido alguns namorados. Na escola em que eu andava, ser virgem era quase uma doença. No meu grupo, perdia-se a virgindade pelos 14, 15 anos, muito por influência do momento, do “bora lá, vamos experimentar...” Eu ia curtindo, tive imensos namorados, mas quando chegava a altura os meus medos eram superiores.

O que eu não queria era ficar grávida. Tinha imensos exemplos de gente à minha volta que engravidou cedo, sem querer, e ficou presa a empregos miseráveis... Nem sequer tinha a ver com sentimentos, por achar que tinha de ser com o príncipe encantado, até porque nunca tive a pretensão que ele existisse. Fui sempre muito realista. O meu medo era que chegasse a hora e ele recusasse usar preservativo...

No Verão em que fez 18 anos, ia entrar para a Universidade, decidiu que não queria ir virgem. Conheceu uma pessoa na secretaria da faculdade, saíram umas vezes. “Curtimos, e achei que já não valia a pena travar... Também achava que me conseguiria impor, quanto ao uso do preservativo.”

“Não foi nada glamouroso. Foi dentro de um carro, meio à pressa, sempre a ver se haveria alguém por perto... Levei imensos preservativos, cuecas e soutien a condizer... Era fim de tarde. Fomos para um descampado com vista para o mar. Não pusemos música. Lembro-me de ouvir os carros a passar, ao longe.”

Foi estranho... tirar a roupa em frente a alguém. Desconfortável. “Apesar de, por fora, ter-me esforçado por parecer segura. Nunca lhe disse que era virgem. Felizmente



TATIANA COIMBRA,
23 ANOS. ESTA ESTU-
DANTE TEVE A SUA
PRIMEIRA VEZ AOS 18.
NÃO A MARCOU

não sangrei. Também não doeu. Não foi nem bom nem mau. A seguir, fiquei superconstrangida. Queria voltar para casa, tomar banho, estar sozinha. Não tinha ficado nada de verdadeiramente bom. Foi acabar, limpar, e ir embora”, recorda.

Lembro-me, no fim, de ter pensado: “Afim, é só isto...?” Só mais tarde descobri que podia ter estrelas e fogo-de-artifício — desde que estivesse envolvida emocionalmente. Dois anos depois, tive uma relação significativa e

voltei a ter uma primeira vez, com mais tempo, descontraída... Foi muito melhor.” Hoje, Tatiana tem pena que a sua primeira vez tenha sido assim, tão indiferente. “Tive namorados mais significativos, que acho que se teriam esforçado por tornar a primeira vez mais memorável”, conta. “Se tivesse uma filha, gostaria que na sua primeira vez tivesse prazer. Que ela soubesse que o sexo é bom. Porque isso de ser ou não significativa varia de pessoa para pessoa.” ■

Esperar por quem se quer



Aos 24 anos, Pedro Duarte retrocede seis anos no tempo até chegar à sua primeira vez. Tinha 18 anos, e uma namorada de longa data, por quem esperou um ano e meio até que ela se sentisse pronta. Eram ambos virgens. Hoje, vendo à distância, o técnico de uma empresa de informática acha que correu bem. Foi com quem queria.

“Éramos colegas de escola, e já namorávamos há um ano e meio. Eu gostava dela, por isso, ter relações foi uma coisa que passou para segundo plano. Estava disposto a esperar. Também tinha um certo receio — queria que fosse uma coisa que lhe ficasse na memória. E nós homens temos mais medo de não sermos os maiores... Não foi a minha primeira namorada. Já tinha tido duas, mas não passei ao acto. Com a segunda, pensámos nisso, mas não tínhamos casa. E não queríamos que acontecesse numa esquina ou num cinema...”

As coisas foram evoluindo, e ele ia-lhe perguntando se estava pronta... Ela foi dizendo que não, até que uma tarde... disse que sim. “Aí, fui eu que caí da ponte! Fiquei nervoso, de repente, perante a situação... Mais importante que a prestação física, para mim era importante não lhe falhar do ponto de vista psicológico. Eu tremia por todo o lado — e se tivesse sininhos, tinha-me fartado de apitar... Ela parecia mais calma. Lembro-me de tentar tocá-la ao máximo em vários pontos do corpo que achava que ela ia gostar. Lembro-me do peito dela. E, de quando a vi nua, ter pensado, a medo: Agora o que é que eu faço com isto...?”, diz.

Foi rápido. Houve pouco tempo de preliminares, ela quis passar ao acto. “Durou pouco tempo, mas ficámos ambos felizes, porque era uma coisa que queríamos. Foi no meu quarto, à tarde — deviam ser umas 16h. Era Verão, estava sol, a luz era suficiente para estarmos à vontade. Lembro-me de um odor doce no ar. E de ela me dizer “obrigada”, quando saiu lá de casa, pela forma como a fiz sentir... Na altura, senti que tinha passado a outra fase da minha vida, que tínhamos subido um degrau. Ficámos mais chegados, mais íntimos.”

Ainda namoraram três anos. “Foi forte. Foi bom, foi com a pessoa que eu queria... São diferentes, as outras primeiras vezes. Também são marcantes, mas não é a mesma coisa...” ■

PEDRO DUARTE,
24 ANOS. PERDEU A
VIRGINDADE AOS 18, COM
A NAMORADA DE LONGA
DATA



**MAIS SOBRE
INICIAÇÃO
SEXUAL**

www.expresso.pt